

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LOUIS MALLE – O REBELDE SOLITÁRIO
14 e 21 de Novembro de 2022

PLACE DE LA RÉPUBLIQUE / 1972

Um filme de Louis Malle

Realização: Louis Malle / Direcção de Fotografia: Étienne Becker / Som: Jean-Claude Laureux / Montagem: Suzanne Baron..

Produção: Nouvelles Editions de Films / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês, com legendagem electrónica em português / Duração: 92 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Na cena que é praticamente a abertura de **Place de la République**, a câmara e o microfone da equipa de Louis Malle seguem demoradamente um senhor, um idoso elegantíssimo, que deambula pelos passeios da praça que dá nome ao filme ou das ruas adjacentes. Ao cabo de alguns minutos, vemos o próprio Malle a interpelar o senhor, e a perguntar-lhe se se tinha dado conta de que estava a ser filmado há já algum tempo. O senhor, com um ar profundamente surpreendido, diz que não tinha reparado em nada.

Duvidamos que a colocação desta cena nos minutos iniciais do filme seja mero acaso. O que esta abertura nos diz é que, no princípio dos anos 70, em Paris, a presença na rua das câmaras e do aparato de uma equipa de cinema (mesmo que pequena: Paris também foi a cidade da “nouvelle vague” e, sem entrar na discussão da relação de Malle com esse movimento, **Place de la République** é, ao nível dos procedimentos e da leveza da produção, um filme completamente devedor dos exemplos dados pela “nouvelle vague”), a presença do “cinema”, em suma, já nada tinha de intimidatório ou espectacular, e pelo contrário era fácil nem se dar por essa presença. De certa forma, **Place de la République** decorre disto.

O pressuposto era simples e minimalista (e o filme também decorre dele): sem argumento, sem nenhuma ideia feita, Malle e os seus colaboradores instalar-se-iam numa porção delimitada da **Place de la République** (um lugar central de Paris, mas não necessariamente com aquele “glamour” que atrai os turistas, e certamente que não em 1972) e, durante dez dias, filmariam o que lhes passasse à frente da objectiva (que nunca estava escondida, antes pelo contrário), chegando à fala com alguns dos transeuntes. O filme construir-se-ia exclusivamente com o material captado durante esta expedição sem programa ao centro da capital francesa.

E construiu-se, como um mosaico da sociedade francesa (e escolhemos a palavra, porque nem por estarmos em Paris a “amostra” que passa pelas câmaras de Malle é meramente parisiense, também é uma sonda aplicada à restante França e até, no caso dos emigrantes, a fora do território francês) cujo valor sociológico é hoje, cinquenta anos depois, porventura mais evidente do que era em 1972. As pessoas deponentes têm

as mais diversas origens sociais e os mais diversos modos de vida, e a inapelável espontaneidade delas, uma espontaneidade que diríamos “infalsificável”, garante – como por exemplo num filme que este faz lembrar bastante, o **Joli Mai** de Chris Marker, feito dez anos antes – a sensação de estarmos perante algo de verdadeiro e significativo (e o facto de as pessoas serem captadas no seu “habitat”, entre o trânsito, os cafés e as mercearias, reforça isso: não se trata de “exemplares” levados para o ambiente laboral de um estúdio). Curiosamente, há uma deponente que explica em parte a possibilidade de um filme como este. Diz ela, mais ou menos, que “as pessoas falam porque estão infelizes, quem está feliz não sente necessidade de falar da sua vida a um estranho qualquer”. Talvez tenha toda a razão, talvez tenha só uma parte de razão, mas certamente que alguma razão terá. E esse – a felicidade ou infelicidade dos protagonistas do quotidiano parisiense à entrada dos anos 1970 – é o fio invisível que percorre **Place de la République** de uma ponta à outra.

Luís Miguel Oliveira